

CARLOS F. SANTOS CARVALHO

ADVOGADO

C I R C U L A R :

Nº 56/2012

ASSUNTO: Os tempos que passam... Pare e escute

Alguém disse:

“É preciso ver as pessoas e não só olhar para elas “

e, neste momento conturbado e perturbador porque todos passamos, o Sr. Industrial tem de “olhar” com atenção para os seus trabalhadores. Neles reside, em grande parte o êxito da sua Empresa ... ou o seu fracasso !

Oportunamente, em 2010, quando já eram visíveis os sinais de crise em que mergulhou a Europa, apresentamos uma circular sobre o “Síndrome de BURNOT”, uma designação nova para o velho problema do “esgotamento profissional”. Como então dissemos,

E agora recordamos, resulta de uma situação, de menor ou maior gravidade conforme a capacidade de resistência do trabalhador, á actividade profissional. Entusiasmado por bem fazer demonstrando alto grau de desempenho, o trabalhador age com prazer e satisfação própria, por auto-estima. Contudo, quando este “bem fazer”, bom desempenho não é reconhecido o prazer termina e dá lugar á desilusão/decepção; a uma doença, a depressão, com manifestações várias, de menor ou maior gravidade. E, a Empresa começa a ficar “doente”. Ora,

Os estudos sobre o comportamento humano, e seus reflexos nas Empresas não param, --- já que a componente humana ainda é a parte mais importante das Empresas, não obstante termos avançado na informatização ---, e, descobriu-se uma nova “doença” que mina a industria e o comércio neste momento. Vejamos:

O desemprego campeia em Portugal e atingiu números nunca vistos; e, em toda a Europa. Os esforços para o combater (reais), por vezes, não têm êxito. E pensa mal se julga que a maioria dos trabalhadores não está ciente da situação. A “angústia do futuro” está presente, o trabalhador vive angustiado em perder o seu posto de trabalho. Daí, reage o trabalhador **normal** de várias maneiras, nomeadamente:

- ➔ redução do absentismo laboral: o trabalhador deixa de procurar pretextos para faltar, quer justificada quer injustificadamente;
- ➔ procura que se “note” a sua presença na Empresa, o que se pode apresentar por várias maneiras, como:
 - cumprindo, espontaneamente, os horários de trabalho e indo além deles, sistematicamente, sem razão aparente;
 - produzindo mais mas, como o objectivo é esse, com menos qualidade;

- embora seja manifesto o desgaste físico e psicológico, procuram enganar-se a si e aos outros, aparentando bem estar; evitando até ir para a baixa, com receio de que outro ocupe o seu lugar.

Esta situação traduz-se, principalmente com uma permanência exagerada no ambiente/ local de trabalho, num desgaste exagerado e rápido das capacidades de trabalho. Daí,

- a Empresa em breve não pode contar com os seus trabalhadores, que foram atirados para a "baixa", esgotaram-se;
- os que sobrevivem, trabalham num ambiente degradado no local de trabalho, devido á tensão que se instalou: o receio de perder o trabalho.

Portanto, o Sr. Industrial deve evitar que esta situação se instale na sua Empresa. E, desde logo, não deixe que o período de trabalho se alargue, com exageros: maior tempo de trabalho, dentro da Empresa **não quer dizer**, necessariamente, maior produtividade. Mantenha níveis de presença do trabalhador, a trabalhar, humanamente suportáveis. Ora, a jornada de 8 horas/dia, está estudada como a ideal/produtiva. Naturalmente, quando tal for necessário, aumento o ritmo de "presença" no posto de trabalho, mas durante curtos períodos e retribua o trabalho extra. E, se for necessário, e para não degradar o seu Pessoal, socorra-se do trabalho a termo; do trabalho temporário; da sub-contratação, etc. Mas,

Nunca admita a tendência para alargar a jornada de trabalho, mesmo quando isso pareça ser do agrado e desejo dos seus trabalhadores (alguns). Tal tendência pode ser apenas uma manifestação do receio dos trabalhadores em perder o seu posto de trabalho, logo, auto-destruir-se com o chamado "**presentismo laboral**", e que, mais tarde ou mais cedo, vai destruir a sua força de trabalho.

O Sr. Industrial que já tem tanto em que pensar, pois terá mais esta: **fazer de "médico"** é aperceber-se do estado psicológico dos seus trabalhadores, evitando que se instale o medo no futuro (desemprego). Para tanto, passando a ideia da confiança no futuro da sua empresa; passando a ideia de que todos, com o bom desempenho pessoal são um dos garantes desse futuro. Mas,

Nunca aproveitando-se da situação para exigir, ou admitir, que os excessos ligados ao presentismo laboral destruam a sua força de trabalho, um dos pilares da sua Empresa.

Não se esqueça deste pensamento de Henry Ford, um industrial de sucesso:

"Porque será que quando quero um par de mãos me aparece um ser humano também".

Junho 2012

Carlos F. Santos Carvalho